



NOVAS PERSPECTIVAS NOVOS DESAFIOS

Zaionara Goreti Rodrigues de Lima

zalima@ibest.com.br

Núcleo de trabalho: E.T.E. Getúlio Vargas

Desde 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação prevê uma série de mudanças para o ensino brasileiro, para que além de eficiente, fazer da melhor forma, ele se torne eficaz, ou seja, que tenha um resultado significativo onde se potencialize os aspectos positivos de todo o processo de ensino-aprendizagem na busca da construção do saber.

Nessa tentativa, governantes, cientistas sociais, especialistas em educação, professores, alunos, pais de alunos buscam uma nova perspectiva educacional que atenda as necessidades da sociedade atual onde a educação seja elemento integrador¹ e conscientizador da sociedade e o educando seja o sujeito do processo de transformação histórico-social. Cabe destacar que mudar as práticas educacionais pressupõe a transformação dos quadros de referência ideológica, moral, social e cultural. Portanto é importante destacar a dificuldade de implantar tais transformações e a complexidade deste processo, pois conforme Lampert (2000, p.28) *“qualquer mudança significativa perturba a normalidade do sistema educacional”* e com isso gera a “deseordem”. Morin coloca que a desordem gera a interação entre os grupos e estes, por fim, buscam a reorganização social.

Nestes últimos três anos² convivemos com este clima de instabilidade e mudanças propostas pelo governo estadual. Claro tudo isto gerou certo desconforto, estranhamento e por que não dizer medo, afinal não se tinha consciência do processo como um todo. Que tínhamos que mudar, principalmente se falando de ensino médio era óbvio, os resultados dos censos eram alarmantes. Mas como? Essa era a grande indagação.

Segundo José Fernando de Lima, redator do projeto da reforma do Ensino Médio Federal (In Fugita – 2012, pág. 12) o novo ensino médio serve para absorver estudantes de diferentes ambições não mais limitando o aluno do ensino público ao mercado de trabalho e o da rede privado para a universidade, e ainda acrescenta: *“uma marca deste atual projeto é preparar ao mesmo tempo para a continuidade dos estudos, para o mundo do trabalho e para o do exercício da cidadania”*.

Em meados de 2011, começaram os encontros, entre governo e instituições de ensino, que estabeleciam as principais mudanças que ocorreriam em 2012 no ensino médio estadual. É necessário ressaltar que todos³ os envolvidos não tinham a noção de como todas essas mudanças se dariam na prática. Apenas sabíamos que elas aconteceriam no início do ano seguinte para o 1º ano do Ensino Médio. Conforme o depoimento de um professor secundarista *“essas mudanças são um salto no escuro”*, pois não sabemos ao certo o que ocorrerá nem como ficará a matriz curricular dos 2º e 3º anos. Shön (1995) defende que toda mudança deve partir da reflexão na ação, sendo assim muitos profissionais da educação acreditam que a reforma educacional deveria partir da periferia para o centro, da base para o ápice, ou das escolas para o governo, porque quando nos sentimos parte desta construção a mudança não é tão receosa e ela se torna mais fácil de acontecer na prática (só conseguimos concretizar nossas ações quando estamos convencidos que aquilo é o certo, no plano da teoria).

Quando o processo de mudança não ocorre dessa forma causa certo estranhamento ao novo, uma resistência às transformações o que é cultural e biologicamente aceitável. De acordo com Lampert (2000, pág. 29-30) *“(...)toda a mudança gera nas pessoas um certo desconforto, insegurança, instabilidade e reações adversas. O novo, comumente, assusta pois ao mesmo tempo*

¹ Integra porque oportuniza a igualdade de acesso aos diferentes segmentos sociais, superando as desigualdades.

² 2009, 2010 e 2011.

³ Estão inclusos neste termo: os representantes da Coordenadoria Regional da Educação, os professores, Os supervisores, os diretores da Escola, etc...



Cirandar: notas de investigação desde a escola

que poderá trazer benefícios, poderá prejudicar e afetar a normalidade, a dinâmica. A resistência, toda reação de oposição, é inerente à própria inovação, [que] nem sempre é consciente”. Ainda citado pelo mesmo autor temos uma relação de fatores que despertam essa resistência nas pessoas, vejamos:

- “*Hábito – em geral as pessoas preferem o que é familiar, as rotinas, em detrimento do estranho, o novo;
- * Primazia – a forma em que a pessoa aprendeu pela primeira vez estabelecerá um padrão de comportamento, que é difícil de ser mudado;
- *Percepção ou retenção seletiva – é difícil mudar coisas que se encaixam com os pontos de vista de referência e já estabelecidos;
- * Superego – há uma tendência de manter as normas absorvidas durante a infância. As tradições, os costumes, os usos persistem com as pessoas. O superego funciona como censor do novo;
- * Falta de segurança em si mesmo – muitas vezes a pessoa, por falta de segurança e confiança, não modifica seu desempenho;
- * Insegurança e regressão - muitas vezes a mudança é contínua e forte e a pessoa experimenta tensão e angústia, o que cria o desejo de voltar à situação anterior;
- * Sentimentos de ameaça e temor – muitas vezes a inovação afeta as mudanças pessoais, ou seja, o modo de atuar na instituição, o que afeta a imagem pessoal, e muitas vezes temos medo de uma nova imagem;
- * Ignorância – às vezes, pelo fato de não conhecermos a inovação, colocamo-nos contra;
- * Dogmatismo e autoritarismo – a rigidez e a inflexibilidade impedem de inovar (Torre et all, in LAMPERT, 2000, Pág. 30-31).

A partir do relato de vários profissionais da educação, mencionados em encontros realizados no decorrer deste ano⁴, encontramos “discursos” que se enquadram nos aspectos acima mencionados e chegamos a conclusão que essa resistência à reforma educacional é impulsionada por vários fatores, entre eles:

Referente aos Professores:

- ✓ Com a nova matriz curricular, os professores temem perder aulas e assim diminuir a convocação ou ser remanejado para outra escola para completar sua carga horária semanal;
- ✓ Acreditam ser mais uma política de governo, onde ele, professor, por mais que se empenhe e acredite no projeto, seus resultados e metodologia serão esquecidos ao final de quatro anos, ou seja, quando mudar o governante;
- ✓ Preocupam-se em “abandonar os conteúdos”, devido a informalidade da interdisciplinaridade, já que eles, os conteúdos, dão mais auto-confiança ao profissional quando desenvolve suas aulas.
- ✓ Os docentes alegam também que, esses conteúdos, podem fazer falta para o educando posteriormente, entre outras ocasiões no vestibular ou ENEM, em outras palavras medo da cobrança e do julgamento da comunidade escolar;
- ✓ O descontentamento referente à nova metodologia das aulas, pois o professor “perde o domínio” de sua aula, que antes era elaborada para ter um princípio, meio e fim (pré-

⁴ Esses relatos foram registrados de maneira informal, a partir da explanação das opiniões/reivindicações/dúvidas de todos os envolvidos neste processo de transformação (direção de escola, supervisores, professores e integrantes da coordenadoria de educação- CRE) durante os encontros realizados com a CRE e as reuniões organizadas dentro de nossa escola.



Cirandar: redes de investigação desde a escola

estabelecidos, sofrendo pequenas alterações) e agora não porque a aula é construída com o aluno;

- ✓ O rompimento da linearidade dos conteúdos, proposto neste novo sistema, que antes eram divididos entre o 1º, 2º e 3º ano, organizados do mais simples ao mais complexo, respectivamente, já nesta nova forma a partir da curiosidade da turma irão sendo trabalhados os conteúdos;
- ✓ A reforma não deixa claro vários pontos, entre eles a avaliação os alunos e isto causa certa inquietação, desconforto e incerteza quanto ao futuro porque o professor não tem mais noção do processo como um todo. Lembrando o que Morin defende em sua teoria da complexidade, a totalidade é mais, e em alguns casos menos, que a soma de suas partes, quando fragmentamos ou impedimos que o todo e as partes se comuniquem numa visão de conjunto.
- ✓ Outro motivo que causa insegurança, e assim rejeição, está relacionado ao número de alunos nas turmas e a quantidade de turmas de cada professor⁵, porque o docente não consegue acompanhar o ensino individualizado que é exigido pelo novo projeto. Na maioria das vezes, esse professor que tem inúmeras turmas, adapta o conteúdo a turma e não a cada indivíduo, salvo quando existe algum aluno com um tipo de particularidade educacional diferente do grupo;
- ✓ Por ser um algo inédito não se tem material teórico para servir de base/ de apoio e isto gera insegurança. Uma queixa freqüente dos professores foi em relação a falta desta base teórica para desenvolver a reforma e também para ajudá-los no desenvolvimento da metodologia científica, com os alunos pois acreditavam que a instituição de ensino superior viesse sanar essas lacunas e não Transforma-los objeto de pesquisa.
- ✓ Outro fator são as turmas cujos alunos são totalmente apáticos, estão ali ou porque são obrigados pelos pais, ou pela exigência da empresa onde trabalham, por isso querem somente o “diploma” não se importam em aprender. Nesses casos como esperar que eles proponham um tema gerador? Podemos dizer que esta turma pode ser um grande desafio para o professor, pois quando ele consegue transformar a forma deles pensarem, despertar a sua curiosidade o professor fica extremamente motivado. Porém quando isto não ocorre, o professor tem que lutar contra a desmotivação, que toma conta de seu trabalho, para que ela não afete seu desempenho em outras turmas.
- ✓ Sabemos que o professor é um “eterno-aprendiz”, mas isto antigamente se referia ao contexto onde está inserido e a sua área do saber, agora com a reforma do ensino médio, e com a interdisciplinaridade do ensino, o professor tem que dominar uma série de conceitos de áreas totalmente diferentes da dele o que causa, em alguns, revolta.
- ✓ Também contamos com a limitação dos espaços físicos e temporais, isto é, lugares para realizar as reuniões entre os professores, lugar para receber e esclarecer as dúvidas individuais dos alunos, a disponibilidade do tempo para o professor se reunir⁶.
- ✓ Ainda com relação as reuniões esbarramos em outro entreve que são a frequência dos docentes, porque os professores, na busca de um salário melhor, trabalham em escolas e em redes de ensino diferentes, o que não possibilita pedir o afastamento para freqüentar as reuniões. E muitos deles chegam a trabalhar 60 horas semanais o que também limita o tempo de busca, por atividades e materiais diferentes.
- ✓ A busca constante pela construção do conhecimento em grupo: o professor não é o “detentor” ou o simples orientador na busca do conhecimento, porque a partir de agora ele é construído diariamente todos juntos (professores e alunos);

⁵ Determinado pela carga horária de sua disciplina, por exemplo podemos destacar a realidade de um professor que tem 29 turmas em 40 horas semanais, distribuídos em manhã, tarde e noite.

⁶ Os professores necessitam de reuniões mais freqüentes para que se efetive a interdisciplinaridade,



Cirandar: rodas de investigação desde a escola

- ✓ Outro fator que causa incômodo é a pressa da entidade mantenedora para colocar em prática essa reforma, os professores acreditam que primeiro deveria ser discutido/entendido/traçado uma dinâmica para aí ser colocado em prática. Bem diferente da realidade.
- ✓ E por fim, a não clareza dos objetivos e da metodologia a ser seguida no novo projeto governamental:

Só neste ano tivemos três direções diferentes, vejamos; no início do ano, nos primeiros dias letivos de 2012, foi proposto aos professores desenvolver um projeto, com um tema central que na nossa escola seria Rio Grande, para cada área do saber. A cada bimestre seria trocado de projeto e no final do ano o aluno teria a possibilidade de conhecer de forma diferente todas as disciplinas do primeiro ano. Assim no segundo ano ele poderia escolher a(s) área(s) do saber onde tivesse mais afinidade ou simpatia e criar/desenvolver seu projeto de pesquisa.

Num segundo momento após reunião com órgão de representação governamental na região fomos instruídos que bastava apresentar para os discentes a metodologia científica e aí foi passado uma série de material e atividades que poderíamos seguir, ou não, com os alunos.

Porém agora, juntamente com a instituição de ensino superior de nossa região nos foi passado que deveria ser montado, pelos professores, o seu próprio caminhar em busca da construção do saber científico. E em reuniões periódicas deveria ser trocado as experiências vivenciadas.

Referente aos Alunos:

- ✓ Medo de romper com o paradigma do conteúdo e das disciplinas porque acreditam que se os conteúdos não estiverem bem definidos eles não estarão bem preparados para vestibular/ENEM e que sem conteúdos, pré-estabelecidos, a escola seria uma bagunça;
- ✓ Seguem a concepção de escola e aprendizado dos seus pais, onde não se pode aprender de forma diferente da tradicional, tornando o aprendizado mais prazeroso;
- ✓ Ter consciência da importância de seu papel de protagonista do processo de ensino-aprendizagem, porque o resultado final deste processo depende somente do seu empenho.
- ✓ Muitos alunos têm receio em propor temas geradores, medo de rejeição do grupo, ao participar ativamente do processo de construção do saber;
- ✓ Tem dificuldades de reconhecer que existe conhecimento científico em suas vivências cotidianas;

Referente à Escola: Ela também enfrenta também essa resistência a reforma, vejamos:

- ✓ Cobrança dos pais que não conseguem vislumbrar uma escola sem disciplinas e conteúdos, bem distribuídos;
- ✓ Lidam com a insatisfação dos professores que criam um clima instável dentro da instituição, afinal nem todos estão abertos a essas mudanças;
- ✓ Receio de ser apenas mais uma política governista, que será extinta daqui a quatro anos.
- ✓ Existência de toda burocratização dessas mudanças, exemplo: diferença entre matrizes curriculares, troca de escola, adaptação de disciplinas, etc...

Referente ao Governo: Atividades propostas pelo governo que causam resistência às novas mudanças:

- ✓ Diferença entre teoria e prática: onde a proposta não se adequa a realidade de algumas instituições de ensino ou quando a teoria faz com que a reforma pareça fácil e simples de acontecer, esbarrando só na vontade do professor;



Cirandar: rotas de investigação desde a escola

- ✓ Enfrentar a resistência das instituições de ensino, que questionam a durabilidade do projeto;
- ✓ O “boicote” por parte de alguns professores que não acreditam no projeto ou que descontentes com o governo por outros motivos não dão o devido empenho na realização das atividades...
- ✓ A pressão da comunidade e dos professores que não entendem o projeto como algo positivo e que possa trazer bons resultados.

Podemos notar que este quadro de resistência se estende a todos os setores, ativa ou passivamente falando, mas embora ocorrendo esses transtornos, existem professores que estão encantados com essa nova forma de direcionar o ensino, porque permite que ele aprenda com ela a reconstruir seus saberes, repensando, a cada dia, nossa sociedade (esta foi uma das conclusões que o grupo que discute “Seminário Integrado” em nossa escola chegou, na tentativa argumentar a favor desta nova disciplina e de cativar outros professores a participar deste projeto de integração das disciplinas).

Quando problematizamos o ensino somos obrigados e estabelecer novas parcerias e aprender novas formas de ver o mesmo objeto de ensino, isto afasta o cotidiano, a mesmice e faz com que o professor se sinta vivo, um pensante, um questionador e um problematizador, rompendo de vez com a educação tradicional e com o paradigma que ela defende. Reconheço que isto é assustador, mas acredito mais no encantamento/na ousadia, do que no medo de participar (de acordo com pensamento da professora Maria do Carmo Galiazzi, “*o medo é a solidão e a ousadia é o coletivo*”).

Este quadro de encantamento foi facilmente notado, a partir de uma atividade prática realizada num sábado, 18/08/2012, em nossa escola, onde em grupo (porque descobrimos que assim nossos medos se tornam muito menores que a nossa criatividade em vencer as barreiras) realizamos uma série de atividades, totalmente diferentes do dia-a-dia de sala de aula⁷ e onde alunos/professores/supervisores/ saíram cansados, mas renovados na esperança de um futuro melhor para a educação, ou seja, notamos que ao construir juntos esta atividade, a insegurança e o medo deu espaço a curiosidade e a alegria, curiosidade porque não sabíamos como os alunos receberiam nossa programação e alegria ao descobrir esse resultado.

Para finalizar acho importante destacar que muitos docentes acreditam que a educação pode mudar o mundo em que vivemos e que o que aprendemos, no sentido pleno da palavra, muda nossa práxis de maneira definitiva, tornando-a inovadora a cada dia independente do governo e dos projetos que estão em vigor.

⁷ A atividade desenvolvida neste sábado foi um “caça ao texto”, onde cada aluno e professor, ao chegar na escola, ganhou um crachá com uma cor diferente (ao total eram sete grupos), com isto conseguimos integrar manhã, tarde e noite. No pátio da escola explicamos para os alunos como se formariam as equipes e logo após, os alunos tiveram que procurar os textos escondidos por toda a escola (não importava a quantidade de texto, porque a meta era fazer com que os alunos interagissem e se divertissem, numa competição saudável). Após a captura dos textos os grupos se reuniram em salas diferentes para ver o material encontrado (os temas variavam muito, com o intuito de cativar a atenção dos discentes para a leitura – eram cerca de 65 textos). Depois desta leitura, cada leitor teve que apresentar as principais características do texto e após esta etapa houve a votação para a escolha do tema que seria trabalhado pelo grupo. A próxima atividade seria montar uma campanha publicitária que conscientizasse/ divulgasse o tema escolhido pelo grupo. Num último instante todos os grupos se reuniram no auditório da escola e apresentaram suas tarefas (tiveram peças de teatro, propaganda, montagem de folders, cartazes, etc...). No final da manhã fizemos, professores e alunos, uma avaliação da atividade. (**Algumas avaliações:** Aluna da turma 101 “*Eu acho que foi bom e que deveria ter mais vezes, foi bom o trabalho em grupo, conhecer pessoas diferentes, fazer essa aula diferente*”. Aluno da Turma 105 “*Eu gostei muito do seminário [referente a disciplina Seminário Integrado], é uma comunhão de jovens, eu gostei muito. Eu acho que deveria ter todos os sábados[o mesmo tipo de atividade]*”. Aluna da turma 102 “*Hoje na primeira aula de Seminário em grupos, com outras turmas, de outros turnos foi muito legal e eu adorei, conhecer interagir com outros colegas, atividades diferentes (encontrar textos escondidos) e fazer um mini teatro foi muito divertido*”).



Referência Bibliográfica:

ANDRÉ, Marli E.D. A Pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**.4.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Política social, Educação e Cidadania**.2.ed. São Paulo: Papirus, 1996.

FUGITA, Fábio. **A encruzilhada do ensino médio**. In: revista carta na escola, Ed. 66. São Paulo: maio de 2012.

GARCIA, Carlos. A Formação de Professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, Antônio. **Os Professores e a sua Formação**.e.ed. Lisboa: Nova enciclopédia, 1995.

LAMPERT, Ernâni. **Experiências inovadoras e a tecnologia educacional**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SCHÖN, Donald. Formar Professores como Profissionais Reflexivos. In: NÓVOA, Antônio. **Os Professores e a sua Formação**.e.ed. Lisboa: Nova enciclopédia, 1995.

MORAN, Edgar. Pai da Teoria da Complexidade. 19 de Abril de 2010. IN: www.institutoinclusaobrasil.com.br/informacoes_artigos_integra.asp?artigo=63 acessado em 13/08/2012.

_____. www.institutoinclusaobrasil.com.br/informacoes_artigos_integra.asp?artigo=63 acessado em 13/08/2012.